

# O emprego de pronomes pessoais no ensino de português do Brasil para estrangeiros

(The use of personal pronouns in teaching Brazilian Portuguese for foreigners)

Neide Tomiko Takahashi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo

neidetak@usp.br

**Abstract:** From the process of grammatization (Auroux, 1992) of the Brazilian Portuguese aimed to speakers of other languages, it is possible to analyze, from a historical and cultural perspective, the representations inserted in the use of the Brazilian pronominal system in its most widespread linguistic tool: the textbook. Initially, the objective of this paper is to show how personal pronouns used in Brazil are dealt with in three textbooks intended for foreigners and up to what extent they testify a linguistic reality (hiperlíngua) similar to their speakers use. This paper will examine how the conservative and innovative elements of the Brazilian standard language are present in a likely application of a communicative description of these pronouns in both formal and informal situations.

**Keywords:** Language tools; hiperlanguage; Portuguese of Brazil; personal pronouns; textbooks in Portuguese for foreigners.

**Resumo:** A partir do processo de gramatização (Auroux, 1992) do português do Brasil para falantes de outras línguas, é possível analisar, sob o ponto de vista histórico-cultural, as representações inseridas no emprego do sistema pronominal brasileiro em seu instrumento linguístico mais difundido: o livro didático. De início, o objetivo deste artigo é mostrar qual o tratamento dado aos pronomes pessoais utilizados no Brasil em três manuais didáticos de português para estrangeiros e até que ponto eles registram o funcionamento de uma realidade linguística (hiperlíngua) mais próxima do uso de seus falantes. O trabalho tem a finalidade de verificar como os elementos conservadores e inovadores da norma linguística brasileira estão presentes na proposta de se empregar uma descrição comunicativa desses pronomes seja em situações formais ou informais.

**Palavras-chave:** Instrumentos linguísticos; hiperlíngua; português do Brasil; pronomes pessoais; livros didáticos de português para estrangeiros.

## Introdução

O processo de representações do português do Brasil (PB) tem sido formado pela construção de metalinguagens projetadas por instrumentos relacionados a certas condições – históricas, sociais e ideológicas – inscritas no tempo e espaço.

Tal construção envolve conhecimentos específicos e suas linhas causais dentro das perspectivas históricas da língua portuguesa do Brasil. Na perspectiva que iremos analisar, o Português para falantes de outras línguas (PFOL)<sup>1</sup>, a constituição de uma certa permanência no que tange ao uso do sistema pronominal apresenta-se como o reflexo da descrição gramatical ainda instável no próprio PB como língua materna.

Ao constatarmos o aumento expressivo no número de estudantes e pesquisadores intercambistas que, oriundos de diversos países, escolhem as universidades brasileiras

---

<sup>1</sup> *Português para falantes de outras línguas* tem sido um termo mais difundido por permitir a abrangência de PL2 ou Português como segunda língua e PLE.

para o aprimoramento ou extensão de seus estudos, bem como o número de profissionais que vêm ao país a trabalho, é possível observar igualmente uma maior demanda por cursos de português para estrangeiros e por materiais didáticos que apresentem tal língua em sua variedade brasileira.

Com isso, depreende-se que a constituição de um saber metalinguístico do português do Brasil (PB) torna-se mais evidente, tendo em vista a necessidade de instrumentar seus mecanismos de apreensão e utilização nas diversas situações do cotidiano no país. Nesse sentido, não é difícil constatar a busca por materiais que permitam acessar o sistema de possibilidades no funcionamento da linguagem a fim de o falante estrangeiro apropriar-se de estruturas baseadas no uso corrente dos brasileiros.

Dessa forma, quando um estrangeiro ouve expressões como “a gente encontrou ela”, “você trouxe o livro dele?” ou “me empresta sua caneta” e apreende (ou reconhece) na escrita padrão “nós a encontramos”, “você trouxe seu livro?” ou “empreste-me sua caneta”, em um primeiro momento, talvez ele não compreenda os pontos diferenciais entre o português europeu e o brasileiro, entre a norma culta e popular ou mesmo entre o registro formal e informal. No entanto, após um contato maior com os falantes da língua portuguesa do país, ele perceberá que essa diversificação faz parte de uma adequação frequente aos contextos usuais de nossa realidade linguística. Como consequência, as manifestações recorrentes da fala podem aparecer em materiais didáticos voltados para estrangeiros, uma vez que sua proposta geral visa à instrumentação da língua portuguesa para a comunicação imediata.

### **A gramatização de pronomes pessoais do PB para estrangeiros**

A partir da premissa de Auroux (1992, p. 65) sobre a gramatização, entendida como a possibilidade de descrever e instrumentar certos padrões empíricos da língua, e baseada na produção de tecnologias de sociedades letradas, em sua concepção, a gramática e o dicionário, foi possível verificar a metalinguagem presente em alguns dos livros didáticos mais utilizados de português para estrangeiros desde a década de 1990 – *Bem-Vindo, Fala Brasil e Falar...Ler...Escrever...Português* – a fim de analisar as estruturas contempladas, gramatizadas, no sistema de pronomes pessoais do PB para estrangeiros.

O trabalho se justifica pela importância das referências discursivas do sujeito no contexto brasileiro das anotações de fatos linguísticos, observando-se que permanecem raras as pesquisas do conteúdo normativo descrito em materiais didáticos de português para estrangeiros em contraposição à maior demanda por cursos e métodos dessa área<sup>2</sup>. Diante desse cenário, demonstra-se a relevância na coleta de informações a fim de fazer

---

2 Levando em conta que a gramatização do PB para falantes de outras línguas está imbricada à reconfiguração do país no espaço geopolítico internacional, fenômeno que vem crescendo especialmente desde o início da década de 1990 por fatores políticos, pela estabilidade econômica, pelo desenvolvimento em diversas áreas de pesquisa e as consequentes relações de intercâmbio, pela implementação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras/MEC), entre outros motivos; Zoppi Fontana (2009, p. 14) considera a designação “língua transnacional” por perceber a dimensão do “transbordamento” do PB além das fronteiras do país, significando-a como “instrumento de penetração do Estado e Mercado brasileiros em territórios para além das suas fronteiras nacionais”. Criou-se, nesse contexto, o fator de “internacionalização” da língua portuguesa do Brasil, com aumento da demanda por cursos e materiais didáticos desde então.

refletir acerca das feições em composição da gramática do PB para estrangeiros nos seus principais manuais didáticos.

Para a escolha dos três livros acima mencionados, foi necessário considerar a relativa escassez de materiais nessa área, especialmente os que sobrevivem há pelo menos uma década, desde que as concepções por uma abordagem comunicativa tornaram-se uma constante nas propostas dos autores de manuais voltados para os níveis básico e intermediário.

Livros didáticos fazem parte do processo de ensino-aprendizagem de línguas, visto que são artefatos produzidos para auxiliar na instrumentação e podem ser utilizados tanto como suporte ao professor quanto um manual de regras limitador. A importância da formação do professor não poderia deixar de ser mencionada aqui, mesmo que brevemente, por seu papel mediador entre o material didático e o aprendiz.

Nessa conexão, é possível caracterizar dois tipos de professores usuários do livro didático: o que é subordinado e gerenciado completamente pelos livros que, de instrumentos linguísticos de apoio, passam a ser instrumentos pedagógicos irrefutáveis; e o que os utilizam como um subsídio dentro de seu próprio parâmetro empírico. Assim, o bom professor seria aquele com boa formação, consciente dos conteúdos e limitações desses livros, pois eles cumprem um papel com finalidade específica, que é o de serem utilizados (consumidos) nas salas de aulas, em grupos ou individuais, segundo certas tendências metodológicas e dentro de sua validade caracteristicamente marcada: “ou ele fica superado pelos progressos ou o estudante o abandona por avançar em sua educação”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 120-121).

Dentro desses limites e para entender os caminhos por que passaram os materiais didáticos de português para estrangeiros<sup>3</sup>, conferimos uma ordem cronológica resumida junto ao seu percurso de ensino: Gomes de Matos (1989, p. 11-12) cita *Português para estrangeiros* de Mercedes Marchand da PUC-RS, em 1954, como o primeiro livro de Português-Língua Estrangeira (PLE) publicado no país. De base estruturalista (MORITA, 1998, p. 66), com algumas características do Método Direto, já refletindo uma preocupação com o aspecto oral da linguagem.

Vale destacar que o português oral informal, com preocupações em selecionar estruturas descritivas do PB, só foi apresentado em 1971<sup>4</sup>, ainda que timidamente, no *Modern Portuguese*, projeto da *Modern Language Association of America*, de autores norte-americanos e brasileiros.

Influenciado pela abordagem do Método Direto, surge o *Português 1* das escolas Berlitz na década de 1970, cujas características, por sua vez, influenciam as bases para a elaboração do material *Português do Brasil para Estrangeiros, Conversação, Cultura e Criatividade*, publicado pelo Instituto de Idiomas Yázigi em 1978.

Na década de 1980, são editados: *Falando...Lendo...Escrevendo...Português: um curso para estrangeiros*, de Emma E. O. F. Lima e Samira A. Iunes, classificado pelas autoras como um método situacional que tratava de assuntos “de ordem familiar, profis-

3 Trata-se de um breve histórico de materiais de ensino geral do PB. Não são mencionados, assim, os livros de português para públicos específicos (adolescentes, executivos, falantes de espanhóis, entre outros).

4 O ano de 1966 foi registrado pelo autor como a data da versão experimental e 1971, como o ano da edição comercial.

sional e social”; *Tudo Bem*, de Raquel Ramalhete, e *Fala Brasil* (1989), de Pierre Coudry e Elizabeth Fontão do Patrocínio, estes últimos, preocupados em desenvolver a competência comunicativa junto à gramática contextualizada e a linguagem coloquial do Brasil.

Seguindo os contornos cada vez mais consolidados da abordagem comunicativa, fundamentada na interação de seus participantes, temos uma gama maior de publicações a partir de 1990: *Avenida Brasil*, de Emma E. O. F. Lima e outros autores (vol. 1, 1991; vol. 2, 1995); *Aprendendo português do Brasil*, de M. N. Laroca, N. Bara e S. M. Pereira (1992); *Bem-Vindo*, de Susanna Florissi e outros (1999). E a reelaboração do *Falando... Lendo...Escrevendo...Português: um curso para estrangeiros*, agora, *Falar...Ler...Escrever...Português. Um curso para estrangeiros* (1999).

Das versões revistas e atualizadas, temos: *Novo Avenida Brasil* (vols. 1, 2 e 3) (totalmente reformulada em 2008); *Falar...Ler...Escrever...Português. Um curso para estrangeiros*. (2. ed. revista em 2009), e *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação* (atualizada em 2009).

Vale lembrar que, ao considerarmos o livro didático um instrumento linguístico no processo de gramatização, reforçamos a ideia de que ele abriga a descrição de referências gramaticais e culturais – como organizamos e utilizamos a língua – propiciando ao pesquisador um recorte histórico dos saberes linguísticos envolvidos em determinado *corpus* de normas, cujas bases representariam aspectos constantes de uma *hiperlíngua*.

Compreende-se a *hiperlíngua*, segundo Auroux (1994, p. 246), como uma realidade linguística na qual se situa o nosso falar. Dessa forma, essa concepção relaciona o espaço-tempo nas estruturas da intercomunicação humana, destacando as normas em realização:

É impossível aprender a falar uma língua sem aprender a se movimentar numa hiperlíngua. É por isso que, por exemplo, é impossível aprender uma língua estrangeira somente ouvindo o rádio, ao passo que se pode fazê-lo, sem necessidade de nenhum dispositivo linguístico, em se partilhando da vida comum entre locutores de uma determinada língua. (AUROUX, 1994, p. 244)

Tal afirmação é legítima também para o PB, afinal os estudantes em imersão no país entram em contato com brasileiros e partilham referências dentro de um contexto dinâmico de troca de palavras nas mais diversas situações.

Já no livro didático, esse contexto linguístico figura artificialmente por tornar acessível um conjunto de regularidades de caráter coletivo, fato que o aproxima dos manuais de gramática. Assim, uma certa contradição vem à tona pela proposta dos autores de, em maior ou menor grau, apoiar-se justamente na fala cotidiana do Brasil e, ao mesmo tempo, recomendar (prescrever) as estruturas gramaticais próprias da norma culta escrita.

Não é simples a tarefa de distanciar certas tradições estabelecidas e os purismos dos próprios autores dos livros didáticos para descrever o funcionamento da língua comum do país: o que é considerado correto e incorreto nos manuais de PFOL ainda faz parte da ideia de expor aos aprendizes a norma linguística culta e formal, mesmo que se apresente a proposta de trabalhar a fala brasileira em situações de comunicação mais próximas de nossa realidade, incluindo-se aí o registro informal.

Se a história da língua portuguesa está imbricada à sua história social é porque a organizamos como tal dentro dos limites intervalares entre norma e uso. O problema obser-

vado desde os primeiros pontos variantes entre o PE e o PB, passando pelos embates nacionalistas do século XIX e pelos modernistas de 22, sempre teve como um exemplo constante a questão da colocação pronominal. Encerrada a discussão ideológica, podemos observar que a problemática do funcionamento dos pronomes pessoais perdura como o reflexo da própria instabilidade discursiva manifestada na fixação normativa da gramática brasileira.

Nesse sentido, é importante considerar a metalinguagem dos autores na apresentação dos livros, visto que são pistas para tentar resumir os referenciais e critérios por eles escolhidos. Esclarecem as autoras nas propostas da apresentação dos três livros analisados, com grifos meus:

(01) — *Bem-Vindo*

[...] Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação é um livro feito “ao vivo e em cores” para você que quer aprender *o nosso português falado como ele é, sem deixar de lado as necessárias referências à Gramática Normativa*.

Você vai encontrar, no decorrer das vinte unidades, *as expressões coloquiais mais usadas, dialetos regionais e muito vocabulário útil a situações diversas*: no trabalho, em casa, na rua, em restaurantes etc.

Um pouco da história, cultura e sociedade brasileiras faz parte deste livro, elaborado para suprir a grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco central é a *COMUNICAÇÃO*.

Nesta edição atualizada, acrescentamos quatro Apêndices com o intuito de ajudar, não só alunos como também professores, *na dura tarefa de explicar e entender a gramática da Língua Portuguesa*.

(02) — *Fala Brasil*:

*A gramática é, para nós, um instrumento que ajuda o aluno a se comunicar.*

[...] Os autores explicam a etapa *Diálogos Dirigidos* – “inserção da estrutura em contextos verossímeis”:

A dramatização desses diálogos é um ótimo recurso para ampliar o vocabulário e aprender o uso de expressões idiomáticas, *já que foram coletadas em diferentes contextos de uso real da língua. As propostas de exercícios tanto orais quanto escritos fogem da artificialidade, procurando conservar o caráter funcional da linguagem.*

(03) — *Falar...Ler...Escrever...Português*:

[...] Trata-se de um livro elaborado com a intenção de proporcionar a um público estrangeiro um *método ativo, situacional para a aprendizagem da língua portuguesa, visando à compreensão e expressão oral e escrita em nível de linguagem coloquial correta*. [...]

Sob esse ponto de vista, *os textos e exercícios foram criados ou selecionados de acordo com centros de interesse de ordem familiar, profissional e social* para possibilitarem assimilação rápida e precisa das estruturas apresentadas. [...]

As noções gramaticais aparecem de maneira concreta, concisa, inserida no corpo dos textos principais de cada unidade ou sob forma de pequenos diálogos, vivos e rápidos. *A progressão é ativa, porque obedece, não só ao nível de dificuldade, mas também à urgência e necessidade problema gramatical* [...]

Destacam-se duas preocupações iniciais nessas propostas: as atividades com enfoque na comunicação mais próxima do “real” e os subsídios gramaticais.

É válido esclarecer que a escolha dos três materiais – *Bem-Vindo, Fala Brasil e Falar...Ler...Escrever...Português* – priorizou os livros do aluno que fossem voltados essencialmente para adultos de qualquer nacionalidade; que sintetizassem em um só vo-

lume o repertório gramatical destinado ao aprendiz iniciante e que fossem, ainda, bastante utilizados desde suas primeiras edições entre as décadas de 1980 e 90 nos cursos de português para estrangeiros em universidades e escolas de idiomas. Lembrando que, naquela época, o ponto de referência metodológica comum era, em níveis distintos, a introdução da abordagem comunicativa, que se difundia englobando os recortes linguísticos socio-culturais – i. e., “como se diz” em determinada situação.

Para a análise, tomemos como referência os exemplos enfocados por Rosa Virgínia Mattos e Silva em *O português brasileiro*, da página do Instituto Camões (Acesso em: 30 jul. 2012), sobre a questão dos pronomes empregados no Brasil:

No Brasil, com a expansão do *eu* e do *a gente* como pronomes pessoais e com a redução do uso do *tu* e do *vós*, a 3ª. pessoa verbal se generaliza: temos hoje em convivência, no Brasil, um paradigma verbal de quatro posições,

*eu falo | ele, você, a gente fala | nós falamos | eles, vocês falam;*

outro de três posições,

*eu falo | ele, você, a gente fala | eles falam;*

outro de duas posições, dos menos escolarizados, ou não-escolarizados, sobretudo de áreas rurais, mas não só, que não aplicam a regra de concordância verbo-nominal,

*eu falo | ele, você, a gente, eles, vocês fala.*

(MATTOS e SILVA, s.d.)

De forma sucinta e clara, as variações brasileiras dos pronomes são descritas por Mattos e Silva como um resumo de toda a problemática que envolve o PB ao longo de sua historiografia crítica.

Em vista dessa classificação de uso dos pronomes pessoais, a escolha dos autores dos materiais examinados segue, em certa medida, o paradigma de quatro posições. Para exemplificar, a disposição dos pronomes sujeitos aparece da seguinte maneira nas demonstrações de todas as formas verbais ao longo dos três livros:

<b>Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação</b>	<b>Fala Brasil – Português para estrangeiros</b>	<b>Falar... Ler... Escrever... Português – Um curso para estrangeiros</b>
Eu	Eu	Eu
Você	Você**	Você
Ele/Ela	Ele/Ela	Ele/Ela
Nós	Nós	Nós
Vocês	Vocês	Vocês
Eles/Elas	Eles/Elas	Eles/Elas
Tu <sup>5</sup>		
Vós <sup>6</sup>		

5 Na primeira página do quadro de conjugações, há duas observações: O pronome TU é usado em algumas regiões do Brasil/ O pronome VÓS é usado em textos mais antigos.

6 Na apresentação dos pronomes, o *tu* é mencionado, com uma observação: **Tu** é usado em apenas algumas regiões do país. **Você** pode ser usado em todo o Brasil.

Podemos constatar nos quadros que o uso do *você* definitivamente substituiu a forma *tu* no paradigma dos pronomes sujeitos, acarretando a necessidade da utilização das formas *dele/dela* na distinção referencial dos pronomes possessivos *seu/sua*, que podem aludir a *você* ou *ele*, fenômeno que no PE, resolve-se com *teu/tua* e *seu/sua*.

Quanto ao termo *a gente*, já largamente utilizado na linguagem coloquial e em quase todas as situações comunicativas em que se emprega a norma culta, reserva-se uma observação na Unidade 1 do *Bem-Vindo*: “Agora nós *conhecemos*<sup>7</sup> (= a gente *conhece*)”. Na unidade seguinte, há uma única inclusão no conjunto de exercícios referente aos pronomes reflexivos e um espaço descritivo no Apêndice Gramatical do livro. Neste último, os modelos estruturais acabam por gerar um conflito na afirmação de que *você* e *a gente* “não são pronomes pessoais, mas formas correntes de tratamento no PB”. Mais adiante, no quadro de pronomes reflexivos, assume-se a inclusão de *você* e *a gente* na coluna referente aos *pronomes pessoais*.

No *Fala Brasil*, ao final da Unidade 2, evidencia-se o *a gente* em um quadro: “Em português falado *A gente* = Nós. *Nós adoramos* ou *A gente adora*”. Após essa observação, alguns diálogos e exercícios de sistematização (poucos e sem recomendações) trazem *a gente* como um dos exemplos ou como opções de pronomes pessoais.

Já na Unidade 4 do *Falar...Ler...Escrever...Português*, há igualmente um quadro explicativo: *A gente* = nós/ *A gente vai fazer um negócio da China!* = *Nós vamos fazer um negócio da China!* Seguido de um exercício de substituição entre as duas formas, o *a gente* reaparece ao longo de atividades do livro, somando-se aos outros pronomes pessoais, sem comentários restritivos de uso em situações mais formais de emprego da norma culta.

Dessa forma, a variação do sistema pronominal, citado por Mattos e Silva (s.d.), faz-se presente nos livros didáticos de PFOl analisados, ainda que de formas parciais: ora como uma posição no paradigma verbal, ora como alternativa desviante, os autores dos três manuais atestam sua representação gramatical como uma variação corrente na hiperlíngua.

De fato, é comum verificar que o aprendiz estrangeiro em imersão seja levado a almejar e apreender inicialmente a norma culta da língua para depois ter contato com a linguagem coloquial, especialmente quanto ao uso dos pronomes. Entretanto, passado algum tempo de convivência no país, não é raro ele perceber e questionar “mas não é assim que os brasileiros falam no dia a dia!”. A percepção de algumas variantes diastráticas intercalando-se na fala cotidiana comum torna-se, então, uma realidade codificada e de certa forma idealizada para a interação mais eficaz em sua esfera social (colegas, amigos, parentes, entre outros).

É claro que podemos notar também que existem diferenças entre as modalidades falada e escrita, bem como nos registros formais e informais em outras línguas: não se trata de uma prerrogativa da língua portuguesa. No entanto, as adequações são pontos recorrentes que permeiam o processo de ensino-aprendizagem do PB, uma vez que esse fenômeno ocorre em língua materna e se reflete como língua estrangeira de forma contundente. O que se examina com tal generalização é a existência de uma divisão mais profunda no conceito das modalidades na língua portuguesa do Brasil, cujos princípios estruturais do “correto”/ “incorreto” refletem no conteúdo gramatical do livro didático

7 Grifo das autoras.

e fazer essa ponte requer conhecimentos que vão além da gramática tradicional. Daí, a necessidade do mediador ser capaz de mostrar as conexões possíveis na hiperlíngua para a apropriação ajustada ao uso.

Da mesma forma, não podemos deixar de mencionar os pontos de vista presentes na elaboração dos materiais didáticos de português para estrangeiros, dado que “são vários e diversos os grupos de pessoas que utilizam de modos diferentes a língua, cada um tentando fazê-lo da maneira mais adequada e própria a seus interesses e conhecimento.” (LEITE, 2006, p. 29). Embora, à primeira vista, as propostas visem a uma “real comunicação”, por meio das explicações gramaticais do uso dos pronomes pessoais (retos e oblíquos), é possível conferir indicações das possibilidades inovadoras e conservadoras que os discursos instauram em simples recomendações ou julgamentos do que seria certo e errado.

Nessa linha, torna-se perceptível a dificuldade em descrever a inscrição dos pronomes clíticos na hiperlíngua brasileira e, principalmente, a substituição recorrente dos pronomes *o*, *a*, *os*, *as* pelo *ele* sob a forma de objeto direto (ou o *ele* acusativo) na fala cotidiana informal.

Sobre isso, um fato a se notar no livro *Bem-Vindo*: em sua 1ª edição, as autoras apresentavam na unidade 5, os pronomes dos casos reto e oblíquo, com uma observação para as diferenças entre as formas “certas” – *Chame-o* – e as coloquiais, classificadas, então, como “erradas”: *Chame ele*<sup>8</sup>... Nas edições mais recentes, ocorreu uma modificação e as formas coloquiais foram totalmente retiradas.

Tal opção pelo silêncio pode ser interpretada como uma resolução mais condicionada aos traços conservadores de uma gramática, visto que o processo de gramatização, em geral, parece apoiar-se sobre uma “discussão do que seja o ‘bom uso’”, acabando por reduzir as variações existentes (AUROUX, 1992, p. 69). É possível compreender que a busca por uma unidade padrão realce elementos gramatizados da linguagem culta escrita: o fenômeno tem sido natural na construção de instrumentos linguísticos também no PB como língua materna. No entanto, essa concepção, à luz das pesquisas já consolidadas sobre as variações entre discursos e seus usos, não iria na contramão de uma proposta comunicativa? Seguindo esse raciocínio, percebemos que a responsabilidade pela descrição de variedades linguísticas do Brasil ficará mais uma vez a cargo do professor que, ao menos na teoria, deverá ser totalmente capacitado para mediar os usos considerados adequados.

Não pretendemos julgar aqui a tendência por descrever uma metalinguagem tradicional, mas de mostrar que tal problemática cria um paradoxo ao aprendiz usuário iniciante do PB. De um lado, ele possui um material com ênfase na variedade culta da gramática e, do outro, ele deve interagir com pessoas nas diversas situações e diálogos da linguagem coloquial. Como resultado, o conhecimento pressupõe uma orientação ajustada às problemáticas expostas aos aprendizes em imersão.

Isso tudo só vem reforçar que tal material não poderia suprir a contato com nossa hiperlíngua, caracterizada por níveis e registros diferentes. Novamente, é preciso lembrar que o livro didático não pode abarcar todos os fenômenos funcionais de uma língua e seu teor como instrumento linguístico no ensino de línguas, embora coletivo, não é homogêneo. Entretanto, ao problematizar questões discursivas, ainda que não prestigiosas,

8 Grifo das autoras.

há um gesto de reconhecer a necessidade de gramatização de novas fórmulas compostas coletivamente em nossa sociedade.

Assim, como exemplo, no *Fala Brasil*, o mais antigo do presente *corpus*, encontramos os seguintes exemplos renovadores em meio à apresentação dos pronomes oblíquos:

- b) João, *você* não precisa mentir. Eu *o* vi na festa!  
(linguagem coloquial: “Eu vi *você* na festa!”. “Eu *te* vi na festa”)
- c) O *João* estava na festa. Eu *o* vi lá, tenho certeza.  
(linguagem coloquial: “Eu vi *ele* lá”)
- d) Eu estava com raiva *dela* e *a* joguei na piscina.  
(linguagem coloquial: ..... e joguei *ela*.....)<sup>9</sup>

Após as observações, há um conjunto de exercícios com regras de colocação pronominal nas formas da linguagem culta escrita e a descrição de variedades aparece de forma mais objetiva, sem prescrições.

Além disso, reproduzido no último capítulo do manual, o texto “Colocação Pronominal”, de João Ribeiro<sup>10</sup>, introduz emblematicamente a chamada *Sistematização* de algumas colocações pronominais proclíticas. No texto, em defesa da validação do uso diferencial de pronomes entre o PB e o PE, Ribeiro argumenta que “expressões diferentes envolvem ou traduzem estados d’alma diversos”:

[...] A primeira lição elementar de todas as ciências é que objetivamente não pode haver um fenômeno bom e outro mau ou ruim.

Todos os fenômenos são essencialmente legítimos. Todos os fatos da linguagem, cá ou lá, têm igual excelência, como fenômenos. [...] (p. 223)

É interessante notar que, embora um século os distancie e o contexto seja outro, a ideia linguística defendida por Auroux (1992) corrobora o ponto de vista científico de Ribeiro:

Que todo saber seja um produto histórico significa que ele resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto. Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo, selecionem os mesmos fenômenos ou os mesmos traços dos fenômenos, assim como línguas diferentes, inseridas em práticas sociais diferentes, não são os mesmos fenômenos. (1992, p. 14)

Com isso, demonstra-se no *Fala Brasil* um gesto de aproximar o processo descritivo à hiperlíngua informal brasileira.

9 Grifos dos autores.

10 Crédito: *A Língua Nacional*, Ed. da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, [s.d.]. p. 8-10. Há ainda um comentário sobre o gramático: *João Ribeiro (1860-1934) é autor de uma famosa gramática da língua portuguesa em que revela uma visão muito ampla para a época. / Já naquele tempo, a colocação de pronomes átonos era uma questão polêmica. Assim, vamos apresentar uma orientação bem geral ao final deste comentário.* (p. 224)

Já no *Falar...Ler...Escrever...Português* não encontramos nenhuma menção à forma do pronome pessoal do caso reto utilizado como objeto direto; as autoras mantiveram a preferência pela norma escrita formal.

Por fim, quanto aos termos descritivos, os três materiais registram a gramatização da colocação inicial átona como coloquial em oposição ao culto. No entanto, há diferença nas recomendações. Verifica-se, no *Fala Brasil*, a representação de um pensamento mais imparcial, prolongando o parecer nos termos utilizados na seguinte descrição: “Na linguagem formal escrita evitamos iniciar sentenças com os pronomes átonos: Disseram-me (linguagem coloquial: Me disseram)”. No Bem-Vindo, há somente uma oposição entre “forma correta (norma padrão)/ forma corrente na linguagem falada” e no *Falar...Ler...Escrever...Português*, “forma correta/ linguagem popular”.

Para o pesquisador, cabe recorrer neste ponto aos conceitos empíricos, citados por Coseriu (1987, p. 69), que tratam da norma “objetivamente comprovável numa língua”:

Ao comprovar a norma a que nos referimos, comprova-se *como se diz* e não se indica *como se deve dizer*: os conceitos que, com respeito a ela, se opõem são *normal* e *anormal*, e não *correto* e *incorreto*. O fato de que as duas normas possam coincidir não nos interessa aqui; cabe, porém, assinalar que muitas vezes não coincidem, dado que a “norma normal” se adianta à “norma correta”, é sempre anterior à sua própria codificação. (COSERIU, 1987, p. 69)

## Considerações finais

Como pudemos observar, se o livro didático é um instrumento linguístico, é preciso considerá-lo em suas duas vertentes complementares, com todas as suas limitações e lacunas: a de material pedagógico e, ao mesmo tempo, de material descritivo para o ensino de línguas.

Somadas as propostas encontradas nos manuais analisados e o tratamento dado aos registros dos pronomes pessoais, torna-se possível afirmar que livro que mais se aproximou de uma descrição ampla da hiperlíngua brasileira é o *Fala Brasil*, curiosamente o livro que não passou por atualizações, lembrando que o *Falar...Ler...Escrever...Português*, em sua exposição mais estrutural, foi coerente na proposta de representar um método “situacional” mais voltado a registros comuns padronizados e que as estruturas pronominais no *Bem-Vindo* demonstraram ser mais voltadas à gramática normativa tradicional, sendo o que mais necessita do apoio do professor para lidar com as adequações e variedades de uso dos pronomes pessoais do PB.

Por meio do exame desses livros, foi possível comprovar ainda que a variedade do uso de pronomes pessoais do PB está relativamente registrada nos instrumentos linguísticos para estrangeiros. A regularidade aparece, sem dúvida, na inserção do *você* como uma forma substituta do *tu*, no aproveitamento do *a gente* como paradigma informal de *nós*, nas descrições da linguagem escrita culta dos pronomes oblíquos e da diferença pronominal proclítica entre o PB e o PE. Longe de ser um consenso, no entanto, aspectos da colocação pronominal de uso brasileiro permanecem como fatos linguísticos a serem fixados no contexto da linguagem coloquial.

Conclui-se que, se o falar individual é uma atividade fundamentada no saber coletivo compartilhado, ainda que divergente em sua homogeneidade, torna-se necessário

analisar a articulação entre as esferas ligadas à representação de usos registrados junto às formulações gramaticais de ocorrências linguísticas produzidas como forma de instrumentos organizadores da linguagem para o ensino de português do Brasil como língua estrangeira.

Não faltam, assim, motivos para que mais estudos sejam feitos a fim de examinar as representações e incorporações do caráter polimórfico dos pronomes pessoais, bem como de seus complementos, no processo de gramatização dos instrumentos linguísticos do PB para estrangeiros e nas conexões sócio-históricas da norma linguística em constituição nesses materiais.

## REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *Línguas e instrumentos linguísticos*. São Paulo: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de Leitura da história no discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de E. P. Orlandi. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral*. Tradução de A. D. Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

GOMES DE MATOS, F. Quando a prática precede a teoria: a criação do PBE. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P.; LOMBELLO, L.C. (Org.). *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. Atos de fala na sala de aula. *Cadernos do Centro de Línguas. Ensino de português-língua estrangeira*. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, n.1, 1997.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. “Livro didático, matéria da literatura”. In: *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 120-1.

LEITE, M. Q. *A Nova gramática do português contemporâneo: tradição e modernidade*. Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo: Humanitas, n. 8, 2006. p. 51-91

MATTOS E SILVA, R. V. *O português brasileiro*. [s.d.] Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/hlpbrasil/index.html>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

MORITA, M. K. (Re)Pensando sobre o material didático de PLE. In: SILVEIRA, R. C. P. da. (org.). *Português língua estrangeira: Perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

ZOPPI FONTANA, M. G. (Org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Ed. RG, 2009.

## Fontes

COUDRY, P.; PATROCÍNIO, E. F. do. *Fala Brasil: português para estrangeiros*. 16. ed. Campinas: Pontes, 2007.

FLORISSI, S.; PONCE, M. H. O.; BURIM, S. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. 8. ed. atualizada, 2. impressão. São Paulo: SBS, 2010.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. *Falar... Ler... Escrever... Português – Um curso para estrangeiros*. 2. ed. revista, 5. reimpressão, São Paulo: EPU, 2007.